

da reforma da assistencia a psychopathas no Districto Federal e como deve ser comprehendido na época actual, phase que na evolução da assistencia a alienados deverá ser chamada de hygiene mental. As esperanças lançadas por Lacroix-Dupouy na sua memoravel these de Paris de 1926, são hoje entre nós realizações conquistadas graças á memoravel campanha do mestre da psychiatria nacional Juliano Moreira, apoiado pelo descortino patriotico do actual governo que tão nobremente comprehendeu o alcance das medidas solicitadas.

“O asylo de hontem era uma cadeia e o alienado um prisioneiro.”

“O manicomio de hoje ainda é uma prisão e o doent um inter-nado.”

No Brasil actual as portas dos hospitaes psychiatricos estão abertas e o psychopatha é um doente livre.

## A Semana do Hospital no Rio de Janeiro

O que outros teem e nós não temos

Pelo Dr. CARLOS SEIDL,

*Director da Revista Medico-Cirurgica do Brasil*

Conferencia lida na noite de 29 de março de 1928

O titulo d'esta arenga tem algo de charadistico. No seu decurso vera, entretanto, o selecto auditorio, que tal epigraphé não lhe é inadequada. E, relatando o que outros teem e nós não temos, em materia de assistencia hospitalar, pensa, quem vos dirige a palavra n'este momento, ficando dentro do programma organizado pelas benemeritas promotoras da “Semana do Hospital” encontrar motivo de estimulo forte, de efficiente incentivo, para que nós brasileiros nos habilitemos a têr, tambem, em prazo breve, o que outros têm.

O que se pretende com a chamada “Semana do Hospital”? Focalisar o problema da hospitalisação e para elle chamar a attenção publica. Mas, por ventura, o publico, em geral, tem repulsa pelo hospital e carece que se o convença das vantagens da hospitalisação? Não me parece isso exacto. Os hospitaes do Rio de Janeiro estão repletos, superlotados, transbordantes de enfermos. Todos os dias a imprensa registra casos de doentes, que peregrinam de uns para outros hospitaes, esmolando um leito acolhedor e acabando por morrer na via publica! Portanto, a nossa crise não é de doentes para hospitaes e sim d'estes para aquelles. Penso, pois, que a focalisação do problema deve visar, principalmente, os responsaveis pelos destinos do paiz, os homens do governo e os philanthropos, para que elles, em esforços conjugados, encarem seriamente a situação e lhe dêem remedio.

Ha 27 annos e meio, precisamente em outubro de 1900, visitei Buenos Aires e Montevideo. Ao regressar publiquei minhas impres-

sões, condensando-as em um opusculo de 120 paginas, que me valeu, dos publicistas misonicistas da época, um *anathema sit* e a consequente collôcação no index dos escriptores sem patriotismo. Entretanto, a minha these principal, e perfeitamente documentada, era apenas esta: em materia de hospitalisação aquellas capitaes se distanciam do Rio, na dianteira do progresso, de meio seculo!

Varios medicos brasileiros que por lá tem viajado, em mais recente data, voltaram affirmando o mesmo entristecedor phenomeno. Toda a caravana medica brasileira, que ha poucos mezes percorreu aquellas cidades, regressou debaixo d'essa mesma impressão desoladora. Mas, será de véras impatriotico proclamar esse factô? Não me parece vantajoso, nem mesmo possivel, procurar occultar o que está patente aos olhos de todos, dos que aqui vivem e dos que por aqui trãsitam.

Felizmente, progredio a mentalidade brasileira; e já não ha quem proteste, antes pelo contrario muito ha quem deseje, a proclamação bem nitida do que nos falta, para que nos esforcemos, por emparelharnos com os que de nós se distanciam.

E, graças á essa mentalidade, modificada felizmente para melhor, apóz tres decennios, já não são apupados, antes applaudidos calorosamente brasileiros, de grande envergadura moral e elevada tempera intellectual, qual o professor Austregesilo, no seu sonho Wagneriano, assim por elle proprio denominada a bella allocução da primeira noite d'esta "Semana do Hospital" em que affirmou alto e bom som que a clinica neurologica da nossa faculdade, pela falta de um instituto idoneo, é "andrajosa" "embryonaria"; qual o professor Renato Machado, em sua conferencia de hontem estabelecendo confrontos estatisticos de hospitaes do estrangeiro e do nosso paiz, mostrando a nossa immensa penuria, em tal materia; qual o professor Theophilo Torres preconizando ante-hontem, n'este salão, com argumentos convincentes as vantagens da hospiltisação, preconicio n'este momento confessadamente theorico, porquanto somos um paiz sem hospitaes conforme bradou o eloquente orador, appellando então para o *clama, clama, itaque ne cesses*, do pontificado romano.

E essa mentalidade, que inspira o patriotismo beneficio da hora presente, já lê sem protestos, nem indignação, embora cntristecida, as apreciações de toda ordem que vão apparecendo sobre nossa situação de penuria hospitalar.

Os mestres da medicina estrangeira, quando regressam aos seus lares, depois de percorrerem as tres principaes capitaes da America do Sul, não dissimulam a comparação pejorativa para nós, no que se refere ao problema da hospitalisação.

Apanhemos, ao acaso, um dos numeros da *Presse Medicale* de Paris. Em varios d'elles no decurso do anno, são publicadas chronicas da lavra de medicos e professores que por aqui passaram.

A impressão é uma só: é notavel o atrazo do Rio de Janeiro em materia de hospitaes, dizem e escrevem elles unisonamente.

No numero de 22 de fevereiro ultimo, se nos depara a chronica da lavra do notabilissimo mestre da cirurgia, o Professor Jean Louis Faure, que aqui esteve, não ha meio anno. Depois de enaltecer as bellezas e a grandiosidade da natureza brasileira e especialmente a da nossa querida Rio de Janeiro; depois de registrar a inalterabilidade do character hospitaleiro (“hospitalité charmante d’amis toujours attentifs à satisfaire le plus leger de nos désirs”), que elle attribue ao brasileiro; depois de referir o progresso crescente da nossa capital, escreve: “*Celle-ci, il faut bien le dire, est encore en retard, au point de vue hospitalier. La vieille Santa Casa est toujours là, comme un témoin des temps passés. Elle est très belle encore avec ses hautes salles et ses grands escaliers. Elle est condamnée.*”

Falla em seguida o professor Faure dos projectos da Fundação Gaffrée-Guinle, que elle acompanha de merecidos encomios e prevê, generosamente, para um futuro proximo, a melhoria desejada dos nossos recursos sanitarios.

Passemos a um mestre da medicina tedesca, que por aqui foi itinerante tambem de recente data. No numero 44 de 1927, da *Deutsche medizinische Wochenschrift*, inseriu o professor Umber, de Berlim, as suas “apreciações sobre a America do Sul.” Elle enaltece a amabilidade brasileira, mas silencia sobre o que vio em materia hospitalar, naturalmente por cavalheirismo, para não desagradar.

Mas, o que se lhe deparou em Buenos Aires, ahi está bellamente descripto em sua chronica de viagem, não trepidando julgar os hospitaes da grande capital platina superiores aos de Berlim. “Onde está, entre nós outros,” escreve o notavel professor Umber, “um estabelecimento hospitalar comparavel ao grande Hospital Tornú, destinado sómente a tuberculosos? Todos os pavilhões bonitos e limpos; por toda a parte marmore e esmalte branco; tudo illuminado por luz azulada, á impedir a praga das moscas no verão. Só a maternidade, d’esta instituição modelo, tem a capacidade necessaria para receber 300 mães tuberculosas. . . . Os recém natos são immediatamente isolados por processo mui engenhoso para evitar o contagio. Que obra incomparavel representa o hospital de crianças de Buenos Aires com a capacidade para 700 leitos, sendo 200 para isolamento de infecciosos! O policlinico annexo (consultorios), dispondo de meios therapeuticos, diagnosticos e scientificos aperfeçoados, atende diariamente de 1,000 a 1,200 crianças. Nada falta: bibliotheca, laboratorios, admiraveis salas de raios X para diagnostico e tratamento, electrodiagnostico e therapia, photo e physiotherapia, consultorios odontologicos, salas de trabalho perfeitamente aparelhadas, tudo revestido de ladrilho branco e marmore; attendidos por medicos especialistas que trabalham com um

orçamento de 850,000 marcos. Não faltam tão pouco salas de classe mui elegantes e o correspondente pessoal para o ensino; mais de um menino, disse-me o director Dr. Larguia, voltou para casa, sabendo lêr e escrever, sendo antes analfabeto. E vejamos a maternidade do Hospital Rivadavia: um edificio novo em puro estylo Renascença, para alojar 220 mulheres e 120 crianças. Seu objecto é o cuidado medico e social da mãe durante a gravidez e o puerperio e da criança até o 18º mez. Esta clinica se parece com o palacio de um magnata da éra da Renascença ou com um hotel de luxo de um balneario mundial. Nada ha n'elle, porém, de excessivo; tudo é do melhor gosto. O interior, todo a base de marmore branco e paredes da mesma côr, é o que de mais refinado tenho eu visto em interior de hospitaes. Acredito difficil encontrar-se entre nós (é sempre o professor Umber quem falla) uma installação que se possa comparar a d'este precioso edificio. Não menos grandioso é o recentemente terminado Hospital Rawson, cujos pavilhões contêm 1,200 camas." Continua o professor berlinense a enumerar outras instituições medicas argentinas, taes como a clinica para doenças do metabolismo, o instituto bacteriologico, o instituto nacional de hygiene, o instituto do cancer, etc. Quanta cousa bella e necessaria ha por lá e que por aqui nos falta?

Voltemos a um outro itinerante de igual vulto dos dois precedentes, e francez, como o primeiro citado. Refiro-me ao professor Emile Sergent, que fez uma conferencia no Hospital da Charité em Paris sob o titulo: "Impressões de uma missão medica na Argentina, Montevidéo e Rio de Janeiro," conferencia que a *Revista Medico-Cirurgica do Brasil* publicou na integra, no seu numero de junho de 1927.

Aquelle eminente mestre da medicina franceza consagra doze paginas á Argentina e uma só pagina e 14 linhas ao Rio de Janeiro! Tratando de Buenos Aires externa, por outras palavras, os mesmos elogios que acabo de transcrever da chronica do professor Umber. Para Sergent, o Hospital Durand, de Buenos Aires, tem "uma organização modelar; o Hospital Tornú igualmente, possui uma organização modelar"; "o Hospital Rawson é o hospital modelo, o hospital do futuro, o hospital que todas as administrações hospitalares, conscias de seus deveres devem esforçar-se em realizar." Acabo de citar palavras textuaes do grande professor de Paris, que ainda disse mais: o hospital de crianças faria inveja a muitos collegas de hospitaes similares de França; o hospital de clinicas tem uma organização excellente; o hospital de mulheres tuberculosas é uma maravilha.

Á respeito de hospitaes do nosso Rio de Janeiro escreveu apenas: "*visitei no Hospital da Misericordia, o servico do professor Miguel Couto. Vertifiquei que esse hospital não se distancia muito dos nossos velhos hospitaes e que seu precioso galardao de nobreza e o seu passado tao cheio de tradições e recordações.*" E nada mais.

Como isto é, pelo menos, profundamente melancolico . . . .  
sufficiente, apenas, para os que se contentam com as tradições e se  
aprazem em viver de recordações. Como é desagradavel, como é  
acerbo um trecho tal, para os que têm ancia de progresso e pensam  
no futuro da nossa terra! E devemos dar graças a Deus por pos-  
suirmos um Miguel Couto, que tem sido, em relação a mais de um  
cientista de marca dos que por aqui forçadamente transitam, um  
Mecenas magnanimo, ainda que dissimulado e occulto.

Do relato que venho fazendo, infere-se quanta coisa, em materia  
hospitalar, outros teem e nós não temos! E note-se que não recorri  
às fartas e interessantes informações, escriptas e publicadas por  
medicos brasileiros, ao regressarem de suas missões de estudos no  
extrangeiro; taes as da lavra de Austregesilo, de Aloysio de Castro,  
João Marinho, Abreu Fialho, Julio Monteiro, para citar sómente as  
de que me recordo. Este ultimo, em interessante, extenso e minu-  
cioso realtorio deu conta ao Governo do que vio, por varios paizes  
da Europa, em materia de assistencia á tuberculosos, revelando o  
confronto comnosco a certeza de que fazemos parte dos paizes  
submettidos ao desarmamento, em tal materia.

Dos outros medicos têm publicado a imprensa diaria e as revistas  
medicas commentarios elucidativos, que tem concorrido para pôr em  
fóco o problema hospitalar. De um d'elles, porém, me quero abeirar  
n'esta parlenda, por cabidos topicos a aproveitar, na campanha ora  
intensificada. O actual director da nossa Faculdade, em 1924 fez  
uma viagem de repouso de seu labutar clinico á capital argentina.  
Condensou em magnificas paginas de grande sinceridade suas im-  
pressões transmittindo-as á Academia de Medicina. "Onde estão os  
nossos hospitaes de clinicas?" Exclama o professor Abreu Fialho.  
"Onde se acham os institutos daquelle genero que tornem facil a  
nossa acção docente, e onde se estimule a investigação scientifica?  
Como professores de clinicas da faculdade, e dentro dos seus dominios,  
que é que cada um de nós pôde mostrar ao visitante estrangeiro o  
que a mim foi ali mostrado, como, por exemplo, á missão americana  
de medicos que aqui tem aportado mais de uma vez, curiosa de nos  
verem trabalhar, onde trabalhamos e como trabalhamos? Que ha  
aqui como indice da efficacia, da facilidade, do proveito da nossa  
docencia, e onde o professor, possa assegurar que está á altura do  
progresso actual do ensino medico, em diversos paizes do mundo?  
Eu fui, porém, vêr, excellentemente realizado pelos nossos collegas  
professores no Prata aquillo que tem sido de longa data as nossas  
aspirações, o thema das nossas constantes reclamações perante os  
poderes da nação. Não é que não tenhamos cogitado muitas vezes  
de fazer obra util, sem transplantar para o paiz creações estrangeiras  
que jámais se adaptariam ao nosso ambiente. Tudo temos todos nós  
perdido. Sómente, ninguem nos attende, entre Governo e saia

Governo. Em Buenos Aires, cansados já de ser como confessam, 'simples repetidores ou verificadores dos adiantamentos que diariamente se publicam nos diversos centros scientificos do mundo,' portanto, méro 'verbalismo,' atiram-se ás suas 'refacciones, ampliaciones, reparaciones,' e querem produzir."

Em seguida rememora a campanha do professor Arce, de Buenos Aires, em pro de um instituto de clinica cirurgica, iniciada em abril de 1919 e já vencedora em 15 de março de 1923, data da inauguração de um serviço modelar. "É que a sua voz e as suas suggestões," commenta Abreu Fialho, "foram ouvidas pelas autoridades da Faculdade de Sciencias medicas de Buenos Aires, pelos poderes publicos da nação, que, como disse o representante do poder executivo no dia da inauguração, acolheu com todo o interesse a iniciativa da criação do instituto, deu-lhe preferente attenção em todo o momento; e o proprio Presidente da Republica assistiu-o com devotado patriotismo. E de tudo resultou um modelo no genero. Temos nós tido esta consideração, esta attenção dos poderes publicos? Um homem de responsabilidade, como deputado e como professor, diz: 'Senhores da Faculdade, Senhores do Congresso, Senhor Presidente da Republica: A situação do hospital de clinica é a mais triste que é possivel conceber; não póde permanecer como tal; é de maior urgencia reconstitui-lo com todos os aperfeiçoamentos de uma obra moderna!' E os poderes publicos responderam: 'Pois si assim é, já que o dizeis, nem mais um minuto se perderá, e o instituto vae ser dentro de pouco uma realidade.' Semelhantes ao Instituto de Clinica Cirurgica ha o de Clinica Obstetrica e Gynecologica do Dr. Canton, no Hospital Ramos Mejia; o do Dr. Agote, de clinica medica, no Hospital Rawson; o de physiotherapia; o pavilhão Cleto Aguirre; o Serviço do Dr. Araoz Alfaro. E nós? Temos o Hotel Gloria, o Hotel de Copacabana, o Palace Hotel, o Parque de Diversões, a Avenida Niemeyer, etc.'" Aqui finda o amparo que fui buscar, para minha thése, na communição do professor Abreu Fialho.

Mas, nem mais é preciso accentuar, o que todos sentem e sabem relativamente á nossa pobreza ultra-franciscana, em materia de hospitaes, á nossa quasi indigencia hospitalar! Quem ignora que, em uma capital de mais de um milhão de habitantes, com fóros de grandemente civilisada, possuindo, entre outras cousas faustosas e addiaveis um monumental teatro, do custo de mais de uma dezena de milhares de contos de réis, não existe um hospital para recolher crianças enfermas, que por ahí pullulam nos dispensarios e consultorios a mendigar tratamento hospitalar!? Quem ignora que a assistencia pre-maternal é obra mais de particulares philanthropos e está ainda quasi embryonaria, comparativamente ao que já existe alhures? E isto para tão somente fallar d'estes dous pontos basicos da eugenia.

E, entretanto, tempo houve em que o nosso Rio de Janeiro foi a Mécca scientifica dos estudiosos argentinos. Leiam, os que o ignoram, o que sobre este assumpto escreveu Leopoldo Montes de Oca, medico platino de grande renome, quando em paginas fulgidas, gravou as biographias paterna e fraterna, enaltecendo nomes de que a Republica irman se vangloria merecidamente!

Mas, nós não decahimos, dir-me-hão! Não ha duvida, mas tambem não progredimos sufficientemente e nos deixamos supplantar. Perdurará este estado de coisas?

Parece, felizmente, que uma nova aurora se delinêa no horizonte! A vingarem os planos de Rocha Vaz e Porto d'Ave, retomados e modificados admiravelmente por João Marinho, apóz sua viagem de estudos á America do Norte e á Europa, pelo menos, um grande hospital de clinicas, digno do Rio de Janeiro, virá em breve collocar esta capital em satisfactorio confronto com as suas congeneres sul americanas! E quem ouzará duvidar do exito de um empreendimento de tanta relevancia, tendo a chefial-o uma individualidade, do valor intellectual, da tempera moral e da influencia social do professor João Marinho?! Junte-se á isto, os empreendimentos, já em andamento, das Fundações Gaffrée-Guinle e Oswaldo Cruz, aquella visando as doenças venereas e a syphilis e este o cancer, e attestando ambas a alta e nunca assaz louvada benemerencia de membros esclarecidos da familia Guinle, que estão a pôr em acção continua, a maxima democratica de Rockefeller, seu emulo americano do norte: restituir generosamente á collectivade, ao povo, em instituições de instrucção e bem estar material, aquillo que d'elle receberam, nas grandes empresas rendosas de sua jurisdicção.

E fallando nas Fundações Gaffrée-Guinle resaltam de prompto os nomes de seus animadores: Professor Eduardo Rabello e Dr. Gilberto Moura Costa; assim como fallando na Fundação Oswaldo Cruz vêm á tona a recordação dos esforços de Salles Guerra e João Pedrozo.

E, junte-se mais o hausto alentador proveniente da gestão progressista e bem orientada do professor Clementino Fraga, que obteve do Governo da Republica vistas carinhosas para o velho hospital S. Sebastião, de sorte a se poder affirmar que, si não parar o impulso reformador por Sua Excellencia impresso áquelle nosocomio, elle ficará apto para o cabal desempenho de sua finalidade, uma vez que o esclarecido reformador firme os limites precicos: isolar e tratar tuberculosos e doentes de notificação compulsoria, retirando os leprosos, que ahi occupam tres pavilhões sem por isso lograrem o conforto e as condições de hygiene estabelecidas no proprio regulamento sanitario; e fazendo cessar a velha e erronea pratica, de se considerar aquelle hospital um deposito de todos os doentes indesejaveis dos demais hospitaes, phantasiando-se, vezes muitas, uma suspeita de doença contagiosa, para nelle despejar cancerosos paralyticos, cegos, ulcerados, anemicos pela miseria organica, tetanicos, sarnentos,

decrepitos pela idade, operados sem cura, e quantos mais poderiam servir para reconstituição de uma *cour des miracles* dos tempos medievas e só servem para ocupar leitos, em um serviço de chronicos e incuraveis, outro instituto hospitalar que nós não temos e de que precisamos.

É resta regeneração que se está operando lentamente, mas á olhos vistos, de um anno a esta parte, no velho S. Sebastião, graças á um Director de Saude Publica de alto descortino e á um ministro esclarecido que lhe secunda e prestigia o esforço masculino e bem orientado.

É bem verdade que, ainda com tudo isto, ficaremos aquem do ideal. Este fôra, sem duvida, estabelecer nos quatro pontos cardeaes da nossa capital, pequenos hospitaes para determinadas zonas, hospitaes aparelhados do que houvesse de mais moderno e aptos a receberem contagiantes, de ambos os sexos e de todas as idades e de todas as cathogorias sociaes, de sorte a se poder tornar obrigatorio, sem excepção alguma, o isolamento nosocomial, na sua dupla finalidade: obra de assistencia e arma de defesa sanitaria efficientissima.

Adaptações, em construcções antigas, tem sempre um resaiibo de coisa aproveitada; mas, para quem nada obtinha, o que se fez e se está fazendo no S. Sebastião é optimo; é o maximo que se poderia alcançar na época presente.

E este maximo está representado pela possibilidade de isolar e tratar tuberculosos em pavilhões com adaptações modernas, em salas de poucos leitos e até em quartos de tres, dois e um leito, vestidos os doentes com roupas de melhor qualidade, podendo repousar ao ar livre em cadeiras confortaveis, melhoramento este promovido por quem, de *minimis curat*, qual é o actual gestor principal da Saude Publica Federal; dispondo de um serviço modelar de enfermagem, qual o oriundo d'essa escola benemerita, fundada por Carlos Chagas e Miss Ethel Parsons, essa rockefelleriana admiravel, a quem a nossa capital poderia, sem favor conceder o titulo de cidadania em retribuição a serviços reelevantes que tem prestado á causa publica, na esphera de sua acção de organisadora da nova e util profissão offerecida á mulher brasileira. E isto vale garantir que um serviço sanatorial perfeito, chefiado por pessoal competente está em via de ser adoptado no velho nosocomio.

E aquelle maximo, a que alludi, ainda é representado por um edificio especial, destinado á cosinha moderna para enfermos e á nova machinaria de lavagem de roupas. E, ainda mais, pela reconstrucção do edificio central da administração, a ser breve iniciada, de sorte a não se envergonharem os que ahi trabalham de receber estrangeiros, diante cujos olhares de censura e lastima, pelo estado de ruina do mesmo edificio, não se humilharão mais.

Junte-se ainda a reforma do pavilhão de cirurgia, que dará possibilidade de trabalho eficiente ao profissional respectivo, até então inattingida.



A estes beneficios de recente data, devidos ao actual governo, é de justiça juntar a dadiva preciosa que foi o pavilhão para doenças diversas contagiosas, legado pela administração anterior, graças á iniciativa de um chefe exemplar dos serviços sanitarios, qual foi o professor Raul Leitão da Cunha e de um ministro, a quem não sendo propicia a ambiciencia de um governo de intranquillidade, não podendo revelar todo o seu grande valor, soube, apezar d'isso, deixar os seu nome impresso em obras varias e duradouras. Refiro-me a Affonso Penna Junior.

É natural e é de esperar, que tantos beneficios tenham o seu complemento indispensavel.

Não se comprehende um hospital moderno de doenças contagiosas e principalmente de tuberculosos, sem a apparellagem physio-electrica e roentgentherapica correspondente. Assim como não poderá tardar a revisão das verbas e do pessoal adequados a este surto de progresso, de que já andavamos deshabituaados.

Será então completa, integral, a transformação d'aquella lendaria collina do soffrimento, na phrase expressiva do professor Fraga, em recanto de conforto e recuperação da saude, permittindo a cessação da promiscuidade vergonhosa de doentes e doenças que me abstenho de pormenorisar, a bem da esthetica d'este nobre e elegante ambiente e da brevidade do meu, já, por demais longo discurso.

Para não recuar, pois, urge não parar! Oxalá seja esta "Semana do Hospital," louvabilissima iniciativa, motivo de incitamento para que se completem os projectos já iniciados e para que os responsaveis pelos destinos do nosso paiz se compenetrem da importancia do problema hospitalar no Brasil e o encarem resolutamente, sem que, todavia, se preocupem com uma organização sanitaria tal, qual a que, ineptamente fôra reclamada, por vozes ignorantes, ao serviço de requintada má fé, quando a pandemia de grippe fez sentir n'esta capital seus maleficios inevitaveis nos derradeiros mezes de 1918.

Hospitales, para casos extraordinarios taes, nós não temos, nem podemos ter, pois nenhum paiz os tem e jamais os terá.

---

As Diferenças entre os Methodos Americano e Brasileiro de Combate á Febre Amarella, segundo um Medico Brasileiro<sup>1</sup>

São da lavra do Dr. Sebastião Barroso, chefe da propaganda e educação sanitarias do Departamento de Saude Publica do Brasil, as seguintes informações:

Entre o methodo brasileiro é o dos americanos no norte do Brasil, para combater a febre amarella, as diferenças são numerosas e radicaes.

1º Não se preocupam os americanos com o mosquito adulto nem com o homem. Por isso: a) não fazem expurgo; b) não praticam a vigilancia medica; c) não isolam os doentes.

2º Só levam em conta a phase aquatica do mosquito, com a "policia de focos." Mas, esta, realisam com varias restricções; a) despresam os focos das

---

<sup>1</sup> Rev. Med.-Cir. do Brasil 36: 367 (agto.) 1928.